Centro
de Referência
Paulo Freire

Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire

acervo.paulofreire.org

InstitutoPauloFreire

AEREDA

CENTRO DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO

educação de adultos na ótica freiriana

FPF_ONG_02_001
D

EDUCAÇÃO DE ADULTOS NA ÓTICA FREIREANA

Este texto apoiou o autor, José Carlos Barreto, em sua exposição no Seminário Latino Americano de Educação de Adultos, realizado pela Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia e pelo Centro Regional de Educación de Adultos y Alfabetización Funcional para a América Latina (CREFAL) do México, entre 16 e 28 de Novembro de 1986 em Salvador.

1. Introdução

Por sermos membros do VEREDA - Centro de Estudos em Educação que é uma entidade presidida pelo professor Paulo Freire somos com frequência solicitados a "resumir em poucas palavras" o que vem a ser o "Método Paulo Freire" de alfabetização. Na maior parte das vezes, estas solicitações são feitas por estudantes de cursos de magistério ou de pedagogia às voltas com a necessidade de preparar um trabalho sobre o maior educador que o Brasil já teve.

Sabemos que muitos destes alunos ao fazerem estes convites estão apenas tentando economizar tempo e trabalho de pesquisa. Outros porém estão mesmo encontrando sérias dificuldades em reduzir o pensamento de Freire aos limites de um trabalho escolar. Esta dificuldade torna-se ainda maior quando tal trabalho tem por objetivo mostrar Freire como o inventor de um método de alfabetização, o que ele nunca foi e nem pretendeu ser.

Este honroso convite da Universidade da Bahia para discorrer sobre este tema neste Congresso me faz sentir um pouco na pele destes alunos. Embora o tema não restrinja a análise de Paulo Freire a um método utilizado por ele para a alfabetização, persiste um grande desafio. Como resumir a visão freireana de educação de adultos dentro dos limites de uma manhã de trabalho. Mais ainda, como apesar destes limites, realizar algo que possa ser útil a quem participar deste esforço.

O caminho que escolhemos para o enfrentamento destes desafios foi o de pinçar alguns aspectos do vasto pensamento de Paulo Freire e tentar aprofundá-los. Num primeiro momento com algumas colocações minhas e em seguida com uma reflexão em que todos nós participariamos. Obviamente que ao escolher os aspectos do pensamento do Paulo para colocações iniciais fui fortemente influenciado pela experiência acumulada em muitos anos de contacto com grupos interessados em Paulo Freire e retratam as principais preocupações destes grupos, ao menos na região Centro-Sul. É provável que algumas destas preocupações também se estendam às outras regiões do Brasil.

E evidente que estas quatro horas que passaremos juntos não substituirão a leitura das obras do Paulo. Minha esperança é que esta intervenção os estimule a relê-las. Seus trabalhos possuem o dom maravilhoso de estimular novas reflexões a cada vez que são lidos.

2. Uma teoria que nasce da prática

Não sou um especialista em Paulo Freire. Não tenho também uma vocação acadêmica embora esteja certo de minha vocação de educador. Minhas colocações serão, portanto as de um educador que, estimulado pelo pensamento de Paulo Freire, iniciou-se há mais de vinte anos na prática da educação popular. Um educador que refletindo a própria prática, elabora continuamente uma teorização sobre ela. Um educador que encontra no diálogo com o pensamento de Paulo Freire condições de aprimorar esta teorização e por consequência o aprimoramento da própria prática. (Exatamente como diz Paulo Freire)

A primeira consequência deste fato é que a minha abordagem da ótica de Paulo Freire sobre a educação de adultos tem a marca de um educador engajado e em contínua reflexão. Não a marca do intelectual capaz de interligar o pensamento de Paulo com outros autores ou de identificar as suas origens e eventuais consequências. Minha abordagem não é melhor ou pior do que a deste intelectual. É apenas diferente.

Creio que será interessante ouvir a leitura não acadêmica de um educador inspirado em Paulo Freire. Por isso aceitei o convite para estar com vocês aqui e agora.

3. Educação de adultos e educação popular

Em minhas andanças pelo Brasil e em discussão com grupos populares tenho observado a tendência de identificar educação de adultos com educação popular. Não me recordo de nenhum grupo que, considerando-se como grupo de educação popular, esteja trabalhando com crianças igualmente, não me lembro de nenhum grupo que, trabalhando com creches ou catequeses se considere um grupo de educação popular.

Aqui está uma oportunidade para refletir a questão dentro da ótica de Paulo Freire. Na sua prespectiva, o que define a educação popular "não é a idade dos educandos mas a opção política, a prática política entendida e assumida na prática educativa."

Desta posição podemos deduzir que é indispensável perguntar a quem serve a educação para identificar se ela é popular ou não. Pode-se fazer uma educação de adultos que nada tenha a ver com a educação popular (o que tem acontecido na maior parte dos esforços desenvolvidos pelos governos quando se decidem a educar adultos). Pode-se praticar educação popular em um trabalho com a pré-escola.

O importante é não restringir a Educação Popular aos seus aspectos etários mas perceber que ela é consequência de um posicionamento frente a questão dos objetivos da educação. Por tanto, tem tudo a ver com a opção política do educador.

Paulo Freire desenvolveu sua prática junto a populações adultas. Mas as razões disto são, além de históricas, circunstanciais. Ele iniciase na educação popular como professor do SESI em Recife. Nesta função ele trabalhava com adultos. Tivesse ele principiado sua prática popular em uma escola infantil da periferia recifense e sua teorização dar-se-ia com a educação infantil. Nem por isso, deixaria de ser popular, já que sua opção política de servir ao povo como educador já havia sido assumida. Certamente seus caminhos teriam sido outros, mas sua prática seria a de autêntica educação popular.

4. Paulo Freire e o "Método Paulo Freire de Alfabetização"

Um dos grandes equívocos que se criaram no Brasil em relação a Paulo Freire foi o de imaginá-lo como inventor de um método de alfabetização. O famoso "MÉTODO PAULO FREIRE". Paulo Freire nunca foi nem pretendeu ser um metodólogo. Sua contribuição é filosófica e pedagógica. Sua grande preocupação relaciona-se com a questão da produção do conhecimento e o ato de conhecer não se dá através de um método. Métodos não criam conhecimento. No entanto, não é difícil identificar a origem do equívoco que identifica Paulo Freire com um Método de Alfabetização.

4.1 Paulo Freire e a alfabetização

Freire começou a ser conhecido pela opinião pública após a experiência de alfabetização em Angicos (RN) em 1962. No sul esta divulgação se deu através da publicação no jornal "Folha de São Paulo" de uma série de reportagens do jornalista Evaldo Dantas sobre este trabalho. Nestas reportagens eram enfatizadas duas características da

metodologia que estava sendo empregada e que era de autoria de um professor da Universidade do Recife; a rapidez da alfabetização e o crescimento da consciência política daqueles que estavam sendo alfabetizados. A famosa "conscientização".

Paulo Freire começa a tornar-se conhecido pela opinião pública como o "inventor" de um método de alfabetização meio milagroso. Não só alfabetizava em 40 horas (o que, para um país com um contingente de analfabetos tão grande como o nosso, seria uma mão na roda), como ainda tornava os alfabetizados "conscientizados" (o que representava uma atração especial para as esquerdas). Eu mesmo, universitário na época, fui atraido por estas duas características.

Em 1963, o então ministro da educação Paulo de Tarso criou o Plano Nacional de Alfabetização e convidou Paulo Freire para assumir a sua direção. Com isto, o nome do Paulo ficou definitivamente identificado com a alfabetização. Daí para frente, seu nome, ao menos no Brasil, sempre apareceu ligado a campanhas de alfabetização de adultos. No Chile, já no exílio, ele participa da coordenação de uma campanha para erradicação do analfabetismo reforçando esta idéia. Na Suiça, vai a África também em atividades ligadas a alfabetização. Na Nicarágua e em outros países da América Latina, é convidado para dar sugestões sobre a campanha de alfabetização. Livros se escrevem para explicar o "Método Paulo Freire". Pesquisas e Teses são feitas para provar que o método funciona ou que não funciona.

4.2 O entendimento do método

Mais curioso do que esta interpretação de Paulo Freire como metodólogo, é o que se entende como sendo o "Método Paulo Freire". Existem os que acreditam estar usando o "método" por utilizarem "slides". Outros, por estarem reunindo-se em círculos. Alguns por usarem palavras geradoras e promoverem discussões. Outros por estarem silabando palavras.

Estas simplificações procuram reduzir o pensamento de Paulo Freire a uma receita ou a quase uma liturgia que convenientemente aplicada redundará em um "milagre"; uma alfabetização consciente em curto espaço de tempo.

Tais simplificações ignoram ou se esquecem que estas técnicas são meros instrumentos (e nem siquer são os únicos) que servem ou deveriam servir a uma filosofia. Mais ainda, podem servir tanto a um pensamento conservador como progressista.

Usar palavras e decompô-las em sílabas para alfabetizar não foi uma descoberta freireana. Certamente antes dele muitos educadores e educadoras sem nenhuma afinidade com as suas idéias cansaram de alfabetizar crianças silabando palavras.

Um exemplo mais recente disto pode ser observado no MOBRAL da época da ditadura que utilizava estas técnicas e nem por isso estava com o pensamento de Paulo Freire.

4.3 Alfabetização, gênese e aplicação do pensamento freireano

Ao começar a construir seu pensamento sobre a questão da educação a partir de sua prática com a população adulta mais pobre do Recife, Paulo Freire não poderia ignorar o analfabetismo. Da mesma forma que se ele fosse um médico desenvolvendo um pensamento sobre a saúde não poderia ignorar a questão da subnutrição. Não há nada de estranho, portanto que ele haja desenvolvido sua reflexão numa prática de alfabetização.

Logicamente, ao desenvolver seu pensamento, não partiu do zero. Foi influenciado pelo conhecimento disponível na época. Conhecimento filosófico, psicológico e pedagógico que foram por ele ansiosamente procurados e trabalhosamente recriados no confronto com a prática que estava desenvolvendo. A força de sua intuição e de sua reflexão ajudaram-no a construir um pensamento teórico coerente.

Da mesma forma, Paulo utilizou os conhecimentos metodológicos disponíveis e conhecidos (e nisto certamente sua esposa Elza em muito contribuiu já que era professora primária com prática em alfabetização). Obviamente tais técnicas não estavam em contradição com o pensamento que estava sendo construído pois sempre foi uma característica de Paulo Freire unir pensamento e prática.

Ao combinar recursos metodológicos existentes com a sua forma de pensar, Paulo Freire certamente criou respostas adaptadas as situações concretas da realidade em que tinha de trabalhar. Isto, contudo não significa que ele tenha se transformado em um especialista em alfabetização de adultos ou um metodólogo da aprendizagem do código escrito.

A alfabetização de adultos nada mais é do que uma das atividades educativas em que seu pensamento pode contribuir. E esta contribuição não se restringe à metodologia usada em Angicos, na África ou no Chile. Estas metodologias são apenas a ponta visível do iceberg

que está sustentada por uma visão ampla da educação e a uma opção política comprometida com as camadas populares. Esta visão ampla e esta opção política que caracterizam o pensamento freireano. As técnicas e métodos utilizados devem ser coerentes com este pensamento pouco importando se já foram usados anteriormente ou não.

Não é atoa que Paulo Freire insiste sempre na necessidade de ser sempre reinventado pelo educador. Tentar copiar as respostas pedagógicas de qualquer educador, ainda que este educador seja Paulo Freire significa renunciar ao papel de sujeito na educação. Significa ser incoerente com o pensamento do Paulo.

4.4 Paulo Freire Costuma ser melhor interpretado no Exterior

Talvez por não ser considerado como um inventor de método de alfabetização, temos notado, pela correpondência que recebemos no VEREDA, que Paulo Freire costuma ser melhor interpretado no exterior do que no Brasil. Aqui, a análise de seu pensamento e prática normalmente restringe-se ao estágio em que este se encontrava em 1964. Ignora-se a evolução de seu pensamento após este período, principalmente as que ocorreram depois de sua experiência na África.

Já no exterior, onde esta marca da alfabetização está menos presente, Freire tem servido como inspiração de grupos que se dedicam ao estudo da formação do conhecimento, ou grupos que lutam contra a discriminação racial como ocorre nos Estado Unidos. No Japão, extensionistas rurais aproveitam o seu pensamento. Grupos revolucionários na Coréia e em países da África, resistentes das Filipinas e América Latina, refletem sobre o pensamento freireano e encontram sustentação nele para a sua luta. A própria Teologia da Libertação que agitou o pensamento teológico conservador dos países do Terceiro Mundo teve em Paulo Freire um inspirador significativo. Isto para ficar apenas em alguns exemplos.

Como a alfabetização não é a única atividade educativa, seu pensamento contribui para o desenvolvimento da prática educativa de qualquer educador. Esteja ele ligado ao ensino formal primário, secundário ou universitário. Esteja ele trabalhando na formação de mão de obra ou militando nos movimentos populares.

O que Paulo Freire construiu não foi um método de alfabetização mas um sistema de pensar o fenômeno educativo.

Tenho a firme convicção que no conjunto das contribuições frei-

reanas à causa popular, a alfabetização de adultos representa uma parcela muito menos significativa do que as demais.

5. Alguns pontos importantes do Pensamento Teórico de Paulo Freire

Como seria impossível, nos limites deste trabalho, abordar todos os pontos que caracterizam o pensamento freireano, selecionamos alguns que nos parecem oportunos no atual momento histórico, quer pelas consequências que o conhecimento destes pontos podem trazer, quer pelos equívocos que se criaram a respeito deles.

5.1 O educando tem conhecimentos que não podem ser esquecidos no ato de aprender.

Paulo Freire reconhece o adulto do meio popular como portador de conhecimento. Tal afirmação que hoje parece óbvia, ao menos como proposição, começou a ser enfatizada por ele.

As experiências de educação de adultos realizadas antes do Paulo, costumavam retratar a visão geral da época. A visão de que somente o educador possuia conhecimentos. O educando não. Por consequência o papel do educador era o de transmitir este conhecimento ao educando. A imagem com a qual Paulo Freire costumava retratar esta realidade era a de que o educando era considerado um copo vazio de conhecimentos que deveria ser enchido pelo educador.

Esta visão, comum a todo o processo educacional da época (e infelizmente ainda predominante hoje) era enfatizada no caso do analfabeto. Manifestava-se (como ainda hoje se manifesta) um enorme preconceito de classe. Segundo este preconceito, o único conhecimento válido é o conhecimento da classe dominante. Como grande parte deste conhecimento está colocado em código escrito, não dominar o código escrito significa estar irremediavelmente excluído deste conhecimento dominante. Daí a apresentação do analfabetismo como uma "chaga social", uma espécie de aleijão que envergonhava a nação.
Freire resgata o valor deste conhecimento do sujeito das classes populares como conhecimento importante. Mais do que isto, enfatiza o fato de que este conhecimento não pode ser ignorado pelo educador sob pena de um total comprometimento dos resultados pretendidos por ele. É a partir do conhecimento do educando que se irão construir os novos conhecimentos, pela ação educativa.

5.2 O conhecimento forma-se na relação com a realidade

Todo o conhecimento vai sendo construído na relação das pessoas entre si e com o mundo. Parte desta relação pode ser sistematizada pela escola. A ausência desta parcela de sistematização, todavia, não significa ausência de conhecimento. Pode até ocorrer que a sistematização escolar atue como elemento inibidor do conhecimento. Assim, não é lícito considerar a escola como a única produtora de conhecimentos. Com isto, Paulo não desvaloriza a escola mas apenas a desmitifica. Ele também lança luzes sobre a função da escola dentro de sua concepção.

Privado da escolaridade, o ser humano não abdica da sua condição de produtor de conhecimentos. Estando no mundo, homens e mulheres não podem deixar de relacionar-se com este mundo. Esta relação, é uma relação transformadora, isto é, uma relação que modifica o mundo. Mas, ao transformarem o mundo, homens e mulheres são transformados também por ele.

Um homem que inicia a construção de uma casa não será o mesmo após ter concluído a construção. Terá tido novas experiências, novas confianças (ou desconfianças) sobre a sua capacidade construtiva, novas informações, etc. A ampliação dos seus conhecimentos se dará porque ao realizar cada ato necessário à construção estará pensando sobre as possíveis alternativas, as melhores formas de executar cada trabalho, etc.

Em outras palavras, como os seres humanos não são máquinas, estarão (ou deveriam estar) refletindo a sua prática. Estarão analisando, estabelecendo relações, elaborando sínteses. Ou seja, estarão produzindo conhecimentos.

Isto não significa que não existam condições mais, ou menos favoráveis a esta produção de conhecimentos. Sabemos que a sociedade em que vivemos é pródiga em tentativas de reprimir a reflexão principalmente das camadas populares. Esta alienação, entretanto não é suficiente para matar completamente esta característica reflexiva do ser humano. Pode, é claro, influir no grau e na qualidade do conhecimento produzido mas será incapaz de impedir totalmente a produção de conhecimentos.

5.3 Conhece-se o desconhecido a partir do já conhecido

Piaget já provou que não é possível atingir o conhecimento do

desconhecido senão a partir daquilo que já se conhece. Só será possível conhecer, por exemplo, história, se se tem conhecimento do efeito do tempo sobre o mundo. Só se pode conhecer geografia se se tem conhecimento da variação existente no espaço. Só se pode conhecer matemática se se tem conhecimento de quantidade. Só se pode conhecer uma linguagem de computador se se conhece o que é um computador.

Esta obviedade, nem sempre fica visível já que é mascarada pelo fato de que, existindo uma quantidade enorme de conhecimentos acumulados em cada criança antes dela entrar na escola. Este "curriculo oculto" será a base que permitirá à criança conhecer os ensinamentos escolares mas, por ser oculto, poderá existir a impressão de que estes conhecimentos escolares tiveram início na escola. Nem todos percebem que é impossível atingir o conhecimento novo sem que se tenha como referencial o conhecimento velho. Quanto maior o referencial conhecido, maior facilidade terá o educador em trabalhar o desconhecido.

Isto pode ser observado, por exemplo, por todos os que dominam mais de uma língua estrangeira. O aprendizado da segunda língua será facilitado pelo conhecimento da primeira. A comparação com a língua já conhecida, a observação das semelhanças e diferenças, ajudarão no aprendizado de outras línguas.

Em decorrência deste fato, Freire enfatiza a necessidade do educador popular tomar como base para seu trabalho o universo de conhecimentos que o adulto popular já domina. Fazendo uma leitura significativa deste universo conhecido. É este conhecimento já dominado pelo aluno que irá servir de referencial para o estabelecimento das relações que permitirão aos adultos conhecer melhor o que já sabe e conhecer aquilo que ainda não sabe.

5.4 O já conhecido do adulto está centrado em sua própria realidade

Embora não se esgote nela, o conhecimento do adulto sobre a sua realidade é bastante grande. É, provavelmente aquilo que ele mais sabe. Afinal, é com ela que ele estabelece a quase totalidade das suas relações. É com ela que ele estabelece a sua ação de sujeito transformador. Pode conhecê-la de maneira mágica, ingênua ou crítica. Pode conhecê-la deformada pela ideologia. Pode conhecê-la menos ou mais complexamente. Mas não há dúvida, que das coisas que conhece, o que o adulto conhece melhor, é a sua própria realidade.

Sendo assim, sabendo que para atingir o desconhecido é preciso

partir do já conhecido, o educador de adultos consciente irá iniciar sua tarefa de professor a partir daquilo que os alunos mais conhecem: A própria realidade destes alunos. Realidade que não é só política e familiar, é regional, é sentimental, etc.

Mas, para que possa ser estabelecida esta ponte entre o conhecimento dos alunos e o conhecimento do professor, é indispensável que o educador conheça também esta realidade. Afinal, será esta realidade que servirá como mediação no diálogo professor/aluno. Será o assunto comum a partir do qual se irá conhecer o mundo.

Conhecimento do mundo que se inicia a partir do melhor conhecimento desta mesma realidade. Os primeiros passos neste processo serão dados através do confronto dos conhecimentos diferentes que ambos (professor e aluno) possuem desta mesma realidade. Será sobre esta realidade que se irão realizar as primeiras trocas de saberes entre professor e aluno.

5.5 Não há educação sem conteúdos

Todos sabemos que Freire é um apóstolo do diálogo. Ora, não há diálogo sem que haja uma mediação sobre a qual se dialoga. Ao se dialogar, dialoga-se sempre sobre alguma coisa. Segundo ele, a mediação entre o professor e o aluno é o conteúdo, isto é, o objeto do conhecimento sobre o qual se voltam professor e aluno para a tarefa de construção deste conhecimento. Esclarecido este ponto, a questão que agora se coloca é saber que conteúdo.

5.6 O conhecimento do adulto não deve esgotar-se no conhecimento da própria realidade.

Uma leitura apressada e superficial do pensamento freireano fez com que alguns confundissem esta sua defesa do conhecimento popular como conhecimento válido com uma postura de endeusamento deste conhecimento.

Como se fosse possível ele acreditar que apenas o conhecimento popular devesse ser desenvolvido nos grupos populares. Logo Paulo Freire que passou a vida engajado na luta pela promoção das classes populares (e foi exilado por isso) iria desenvolver um pensamento educativo que negasse a estas classes o conhecimento científico e artístico que constituem um patrimônio de toda a humanidade !!!.

Logicamente, esta postura basista nunca foi defendida por Freire.

Muito pelo contrário, ele sempre defendeu o direito do povo de conhecer melhor o que já sabe e conhecer aquilo que ainda não sabe. Paulo valoriza o conhecimento popular e reconhece sua importância como elemento educativo. Defende este conhecimento como ponto de partida para a construção de qualquer outro conhecimento. Mas nunca defendeu a idéia de que este conhecimento popular fosse um conhecimento suficiente. O que defende é que a educação é uma ação instrumentalizadora na construção da gênese do conhecimento.

Seria um absurdo defender esta idéia e tornar-se conhecido como um educador comprometido com a alfabetização de adultos já que o código escrito, efetivamente não é um conhecimento popular . . .

Isto, evidentemente não significa que Paulo Freire defenda os conteúdos programáticos que atualmente se desenvolve no Sistema Educacional Brasileiro. Nisto, Freire não está sozinho e as queixas quanto a estes conteúdos são de longa data. Postulando uma educação que sirva às camadas populares, Freire certamente não concorda com conteúdos programáticos que não sirvam a estas camadas. Todavia, esta posição não pode ser confundida com uma postura de negação dos conteúdos na educação. Nenhum ato de conhecimento se dá no vazio (sem conteúdo).

5.7 Uma relação educativa que alicerça uma relação democrática

A postura arrogante do educador que se crê dono de todo saber, enquanto o aluno nada sabe, é uma das características da escola tradicional inspirada numa concepção autoritária de educação. Esta postura estabelece uma relação professor-aluno repleta de autoritarismo. Uma relação entre quem sabe e quem não sabe. Entre quem pode e quem não pode. Entre quem manda e quem obedece. Como acontece freqüentemente em nossa sociedade, uma diferença transforma-se em uma desigualdade e esta serve de pretexto para uma relação dominadora.

Neste tipo de relação, quem está por cima fala e quem está por baixo escuta. Portanto, caracteriza-se pela valorização do monólogo. Neste monólogo, as pessoas são tratadas como objeto e não sujeitos no processo de busca de conhecimento.

Na relação autoritária, as pessoas são convidadas a obedecer e não a pensar. São convidadas a transferir a responsabilidade para as pessoas que dão as ordens e que, supostamente possuem o conheci-

mento que justificariam estas ordens.

Esta postura autoritária, não foi inventada pela Escola. Esta, apenas exercita a relação mais comum na sociedade brasileira. A relação autoritária. E ao exercitá-la, reforça esta relação.

Paulo Freire denuncia a relação autoritária como uma relação anti-pedagógica e anti-democrática. Em primeiro lugar porque impossibilita o diálogo. Afirma que é condição essencial para o diálogo que aqueles que dialogam estejam numa relação de horizontalidade e nunca verticalidade. Sem que se perca a riqueza das diferenças entre educador e educando.

Em segundo lugar porque a relação autoritária, faz de uns sujeitos e de outros objetos na construção da história. A relação autoritária abafa no ser humano a sua vocação de tornar-se mais completo enquanto pessoa. Na medida em que dificulta a tarefa de completar-se a relação autoritária dificulta a tarefa educacional.

5.8 A atitude autoritária está profundamente enraizada no educador

Ao afirmar, em sua "Pedagogia do Oprimido" que em todo oprimido existe a semente do opressor, Freire reconhece o peso da ideologia que recai sobre todos os membros da sociedade. Esta ideologia que justifica a dominação, apresentando-se como inevitável e, mais do que isto, apresentando-se como desejável ainda que disfarçada.

Não é preciso ser sociólogo para perceber que a relação autoritária é, praticamente o único tipo de relação que se pratica em nossa sociedade. Mesmo instituições menos formais como a família, por exemplo, são autoritáriamente hierarquizadas. Normalmente o pai manda na mãe, a mãe nos filhos, os irmãos mais velhos nos mais novos, os irmãos nas irmãs e assim por diante.

O que os pais mais desejam dos filhos é que sejam obedientes. Criança educada é criança obediente . . .

Mesmo em uma festa entre conhecidos, as pessoas costumam se relacionar-se identificando em primeiro a sua posição relativa no grupo. Quem tem um automóvel novo se coloca acima de quem tem um automóvel velho. Quem trabalha em uma pequena empresa se coloca abaixo de quem trabalha numa multinacional. Quem formou-se numa faculdade oficial sente-se acima de quem formou-se em uma faculdade particular.

As justificativas para sentir-se acima ou abaixo são as mais va-

riadas, assim como as justificativas para mandar mas de fato, talvez apenas entre dois (ou duas) grandes amigos (as) se possa viver a experiência de uma relação não autoritária.

Obviamente, o educador sendo um participante desta sociedade não iria ser uma excessão. Traz para a sala de aula o peso ideológico desta sociedade. Ainda que o seu discurso seja democrático, sua prática continua sendo uma prática conservadora. A menos que haja uma transformação profunda, uma opção democrática radical, haverá uma oposição visível entre seu discurso e sua prática.

Esta relação autoritária está de tal forma introjetada na cabeça de nós educadores que muitas vezes recusando assumir esta postura de dominação sobre as camadas populares, resolvemos ser obedientes a elas. Dispomo-nos a realizar aquilo que estas camadas populares querem. Renunciamos à nossa criticidade sem perceber que obedecendo estamos também valorizando a relação autoritária. Ao invés de impor, obedecemos. Mas a relação autoritária permanece a mesma. Apenas mudaram os polos de dominação. Quem costumeiramente obedecia passa a mandar. Quem costumeiramente mandava passa a obedecer. A relação continua sendo pouco educativa do mesmo jeito.

Mas, modificações profundas não ocorrem por milagres. São frutos de um trabalho educativo prolongado. O educador terá que aprender a não ser autoritário assumindo, praticando para rever-se no seu autoritarismo. Aprenderá isto na prática refletida (praxis) com os alunos. O primeiro passo neste processo de superação do autoritarismo diz Freire, é reconhecer-se como autoritário. Só a partir daí será possível, no exercício de uma prática democrática, superar esta alienação.

5.9 Não se supera o autoritarismo através do discurso mas pelo exercício de uma prática não autoritária.

Usualmente, os educadores que querem desenvolver um processo educativo inspirado em Paulo Freire, costumam iniciar seus trabalhos em classe com um pronunciamento sobre igualdade entre professor e os alunos. Sobre a igual importância do conhecimento do professor e o conhecimento dos alunos. Nada mais inóquo.

Em primeiro lugar porque os próprios alunos não acreditam nisto. Lembro-me de uma educadora que após ter enfatizado a igualdade da importância de todo e qualquer trabalho e conhecimento ouviu de um jovem popular a seguinte afirmação. "Só vou acreditar nisso quando o salário da senhora for igual ao meu . . . "

Falar de igualdade é hipocrisia frente ao concreto vivenciado pelo povo. Ele sabe que alguns "saberes" são mais valorizados socialmente do que outros. Não serão discursos que o irão convencer do contrário.

Inclusive, porque procuram os cursos de adultos porque esperam aprender com o conhecimento do educador. Valorizam este conhecimento e ficariam bastante decepcionados se acreditassem na informação de que seu conhecimento era tão importante quanto o do seu professor. Certamente deixariam o curso naquela hora.

Para modificar uma relação humana, não bastam as palavras. Toda relação humana é formalizada historicamente através da prática. A prática da relação autoritária somente será superada por uma prática de relação não autoritária. Esta superação não se dará apenas porque queremos que se dê. Será um penoso trabalho de reconstrução a que o educador terá que se dedicar continua e pacientemente.

5.10 Educadores e educandos possuem saberes diferentes

Como o saber costuma servir de justificativa para manter a superioridade do professor sobre o aluno na sala de aula, muitos educadores populares bem intencionados porém ingênuos, na ânsia de superação do autoritarismo costumam afirmar continuamente que o seu conhecimento e o conhecimento dos seus alunos são semelhantes.

Seu raciocínio é simplista. Acreditam que negando a diferença irá fazer com que o povo deixe de valorizar o conhecimento do professor e deixe de existir a relação autoritária dentro da sala de aula.

Dizemos que esta posição é ingênua ainda que o educador se esforce em convencer os alunos que o seu saber e o deles se equivalem, persistirá o fato de que o conhecimento popular e o conhecimento do professor são diferentes.

O conhecimento do professor é o conhecimento das classes dominantes enquanto o conhecimento popular é o conhecimento das classes dominadas. A população sabe disso, como sabe também que o conhecimento do professor, por ser das classes superiores, é um conhecimento que dá prestígio na sociedade em que vivemos.

Quase sempre, os alunos estão enfrentando todas as dificuldades de uma sala de aula, depois de adultos, em busca do prestígio que o tipo de conhecimento do professor dá.

Assim, o educador crítico não procurará negar as diferenças mas consciente delas trabalhará para que estas diferenças não justifiquem

a desigualdade. O que irá quebrar a relação autoritária não será nunca a negação da realidade mas o esforço comum para conhecer e transformar esta realidade . . .

5.11 A diferença de saber entre educando e educador permite a troca ou diálogo.

Quando educador e educandos se debruçam sobre um mesmo objeto para conhecê-lo, cada um o faz com um universo de conhecimentos (conceitos, informações, noções, etc.) que permitirão conhecer este objeto. Como diz Piaget, só podemos conhecer o desconhecido partindo daquilo que já conhecemos. É este conhecimento pessoal e intransferível que irá permitir o conhecimento do ainda desconhecido. Este conhecimento será consideravelmente ampliado se ambos puserem em comum o seu conhecimento. Isto é se houver diálogo entre eles.

Pôr em comum ou dialogar não significa que um irá aprender do outro. Antes significa que o conhecimento de um estimulará a criação do conhecimento do outro. Na verdade, algumas informações serão ampliadas com as informações do outro mas estas trocas de informações representam a parte menos rica do diálogo. Afinal, elas também podem tornar-se disponível através de relações não dialógicas. O característico do diálogo é que o conhecimento de um desafia a produção de conhecimento no outro. Isto porque a relação democrática não reprime a reflexão e a criatividade mas, ao contrário desafia o seu exercício. Na relação dialógica inexiste a passividade e a neutralidade. Os interlocutores são agentes no processo de construção do conhecimento. Porque só se conhece na Ação (que seja participativa).

5.12 Denunciando o autoritarismo, Freire torna-se um perigoso inimigo da Classe Dominante

Como dissemos, o autoritarismo é um traço característico da sociedade em que vivemos. Mais do que isto, é um dos sustentáculos desta sociedade de classe. Sem dúvida, é um dos grandes instrumentos para que as classes privilegiadas imponham seus interesses sobre os interesses das classes populares.

Na medida que esteja ideologicamente introjetada na cabeça das pessoas a noção de que é justificável que as pessoas mais capazes "mandem" nas menos capazes, está plantada a semente da domina-

ção.

Não faltarão pretextos para identificar as classes dominantes como as classes dos mais capazes. Em séculos passados, no Brasil, eram os mais capazes aqueles que possuiam propriedades. Haviam conquistado estas propriedades na dura luta da colonização. Eram os chamados "homens bons" a quem, inclusive, se permitia o exercício da cidadania através do voto.

Atualmente, vivemos em época mais sofisticada e a justificação da maior capacidade costuma passar pelo conhecimento. O chefe manda porque "conhece mais" o trabalho. O professor no aluno porque conhece mais. O padre, o delegado, o empresário, costumam ser identificados como portadores de um maior conhecimento em suas respectivas áreas.

Sendo o autoritarismo um instrumento para a manutenção da classe dominante, enfraquecê-lo significa enfraquecer esta classe. Fortalecer o autoritarismo significa fortalecê-la. O educador reforça a dominação de classe quando sua prática é tradicional. Enfraquece esta dominação quando sua prática busca uma superação da postura obediente por uma postura crítica, por parte do aluno.

Ao realizar uma prática tradicional, o esforço do educador conscientemente ou não, contribui para a manutenção da estrutura social em que está situado. Ao adotar uma prática educativa não autoritária, sua contribuição dirige-se no sentido de contribuir para uma transformação destas estruturas.

Ao identificar na relação autoritária um dos pilares centrais do Sistema Social em que vivemos e apresentar uma alternativa para a superação desta relação, Paulo Freire vai ao "figado" deste Sistema. Desafia-o naquilo que ele tem de mais sagrado. Ameaça a "ordem", torna-se um "subversivo" desta "ordem". Mais ainda, faz isto dentro da educação, tradicionalmente um dos redutos mais sólidos da reprodução ideológica desta "ordem". Um dos centros oficiais da circulação de conhecimento, justamente o conhecimento que serve de justificativa para a existência e desigualdade e oficialização do autoritarismo.

Não é de estranhar que Paulo Freire tivesse passado 16 anos exilado sem direito sequer a um passaporte. Tivesse vivido na época de Sócrates e teria sido obrigado a tomar cicuta . . .

Rua Cincinato Braga, 500 • Bela Vista • São Paulo • Brasil • CEP 01333 • Fone (011) 289-9820